



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**ANTÔNIO CARLOS SANTOS DA SILVA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:** debates insurgentes sobre relações de gênero, sexualidades e identidades no Centro de Ensino Deborah Correia Lima, São Bernardo/MA

**São Bernardo – MA**

**2024**

**ANTÔNIO CARLOS SANTOS DA SILVA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:** debates insurgentes sobre relações de gênero, sexualidades e identidades no Centro de Ensino Deborah Correia Lima, São Bernardo/MA

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira

**São Bernardo – MA**

**2024**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos da Silva, Antônio Carlos.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: : debates insurgentes sobre relações de gênero, sexualidades e identidades no Centro de Ensino Deborah Correia Lima, São Bernardo/ MA / Antônio Carlos Santos da Silva. - 2024.

41 f.

Orientador(a): Amanda Gomes Pereira.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo-MA, 2024.

1. Deborah Correia Lima. 2. Gênero. 3. São Bernardo.  
4. Sexualidade. I. Gomes Pereira, Amanda. II. Título.

---

**ANTÔNIO CARLOS SANTOS DA SILVA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:** debates insurgentes sobre relações de gênero, sexualidades e identidades no Centro de Ensino Deborah Correia Lima, São Bernardo/ MA

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

APROVADA EM: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira (Orientadora)**

Doutora em Ciências Sociais – UERJ  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

**Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira (Examinadora Interna)**

Doutora em Antropologia Social – USP  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

**Profa. Me. Poliana de Sousa Silva (Examinador Externo)**

Mestra em Sociologia – UFPI  
Instituto Federal do Maranhão – IFMA

Dedico este trabalho em especial para os meus pais, os grandes responsáveis pela minha educação. A vocês a minha eterna gratidão. Dedico também aos meus sobrinhos (as), Antônio Carlos, Victor Gabriel, Maria Heloise, Emily, Agatha Maria e Maria Cecília. E acima de tudo, dedico a todos os meus irmãos e irmãs membros e membras da comunidade LGBTQIAPN+. A nossa luta resiste e persiste.

## AGRADECIMENTOS

É fato, que o caminho até aqui foi muito longo e árduo. Foram muitos intempéries que contribuíram para uma possível desistência. Foram muitos os dias e noites nubladas, no entanto, foram muitos os dias onde se foi possível dar espaço para que o sol, através de sua luz, pudesse brilhar e reviver o desejo de prosseguir nessa caminhada. Essa luz foi a responsável por ofuscar meus olhos com muita felicidade e desejo de seguir firme com o grande propósito de vencer. Esse grande brilho, só poderia vim de quem tanto me ama e de quem nunca soltou minha mão. Esse brilho é do meu amado Deus. Começo por agradecer a esse grande ser divino, que me proporcionou a dádiva de vim à vida inúmeras vezes. A primeira, no meu nascimento, a segunda e a terceira, quando tentaram tirar de mim, o privilégio de viver a minha própria vida.

Nos meus 14 anos, quando ainda estavam no meu último ano do ensino fundamental, um aluno me jogou da escada do prédio da escola dizendo: “essa é pra você aprender a ser homem”. Neste mesmo dia, Deus me amparou, e fez com que nada de ruim pudesse ter acontecido.

Já nos meus 18 anos de idade, sofri um ataque violento de quatro homens, onde os mesmos me bateram muito e dispararam grandes ofensas contra mim. Os mesmos, sem que eu tivesse feito nada, me levaram para uma esquina escura e começaram a me agredir. Foi algo terrível e que nunca saíra da minha mente. Naquele momento, pensei que o Antônio Carlos já não pudesse mais existir. Foi então que o meu Deus enviou seus anjos para que os mesmos pudessem devolver a mim o sopro da vida. Desde então, essas lembranças nunca foram apagadas da minha memória, fazendo por vezes que eu chegasse a pensar em suicídio, como forma de diminuir a dor. No entanto, Deus sempre continuou me aparando.

Os meus agradecimentos a Deus, se estendem para além disso. Os meus agradecimentos se dão pela força, pela coragem, pela persistência, pela importância de me reconhecer como homossexual, e por querer lutar pela extinção do preconceito que existe no mundo. Os meus agradecimentos a Deus, se manifestam por ele brotar em mim o desejo de ajudar e acolher todos, todas e todes, que assim como eu, sofrem diariamente com o preconceito.

Aqui estendo também os meus agradecimentos, a aquelas pessoas que tanto contribuíram nessa minha jornada enquanto estudante e enquanto pessoa. Destaco a importância do meu grande amigo Dr. Leonardo Sousa. Um amigo que o ambiente de

trabalho me proporcionou. A ele, os meus eternos agradecimentos por todas as palavras de conforto e animo. Obrigado por sempre me encorajar e sempre fazer questão de destacar o meu valor como cidadão e como profissional.

Dedico também este espaço para agradecer à minha patroinha que tanto admiro, Tamires Carvalho, a minha Secretária de Saúde. Obrigado por sempre ter me dado espaço para que muitas vezes eu pudesse participar dos eventos da universidade, para que eu pudesse estudar e por me dá espaço para que eu pudesse participar dos programas como o Residência Pedagógica - RP. Obrigado por nunca me questionar e nunca duvidar da minha palavra. Gratidão pelo espaço que tive.

Agradeço a minha eterna e amada professora, hoje minha grande amiga, Maria da Conceição Costa Silva, pelo acalento e por inúmeras conversas de incentivo e amizade. Saiba que admiro sua força como mulher, como mãe e como filha. Você é incrível. Eu amo você.

Não poderia deixar de expressar os meus agradecimentos pelas novas amizades que Deus colocou em minha vida, pessoas especiais que fizeram com que muitos momentos de minha vida fossem valorosos. Às minhas amigas, Maria de Fátima, Ianca Batista, Daniele Santos e Vitória Furtado, expresso os meus mais sinceros agradecimentos. Obrigado por todo incentivo e por cada palavra de conforto e animo. Vocês foram e são essenciais.

À minha amiga Denise porto. Obrigado por todos os momentos de risadas e por sofrer junto comigo tantos perrengues durante esses quase cinco anos de curso. Você foi e sempre será essencial em minha vida e guardarei nossa amizade para sempre.

Aqui também quero deixar registrado a minha gratidão a todos (as) os (as) professores (as) que eu tive durante todo o período da graduação. Cada um com sua personalidade, oferecendo o seu melhor para a educação de seus alunos. Aqui elevo minha gratidão a algumas figuras que fizeram muita diferença em minha vida. Primeiramente ao professor Tedson, que lá no primeiro período reafirmou em mim o desejo de ser professor. A sua maneira de demonstrar carinho e preocupação foram muito especiais, e carregarei para sempre em minha memória os valiosos momentos dos quais compartilhamos vivências acadêmicas e também momentos dos quais nos fazia ver a vida de uma maneira mais leve e tranquila. Gratidão por tudo, professor.

Agradeço também, a figura da professora Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira, pelo seu destemido dom de ensinar e promover debates tão importantes que merecem toda a nossa atenção. Muito obrigado por nos mostrar o quão às mulheres são fortes e necessárias neste mundo. Gratidão sempre, Professora.

Não poderia também deixar de agradecer à minha orientadora Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira, por ter me aceitado como orientando. A minha admiração por sua pessoa surge lá no início da graduação, no evento de monitoria. Desde então, eu não poderia imaginar que um dia você seria a minha orientadora. Percorri muitos caminhos e parei aqui. Eu acredito que Deus sempre faz o melhor para os filhos, e ser seu orientando foi algo que há muito tempo ele estava preparando. Obrigado por me acolher e por me encorajar e manter sempre a sinceridade para comigo. Obrigado por entender meus momentos e pela paciência. O seu apoio foi essencial. Gratidão sempre.

Não poderia esquecer também da essencial contribuição que a Profa. Me. Isabelle Gonçalves, que foi minha preceptora no programa Residência Pedagógica – RP na referida escola onde se realizou a pesquisa. Obrigado professora por sempre acreditar no meu trabalho e por todas as palavras de incentivo. Nunca me esquecerei das suas palavras após cada aula ministrada por mim, onde você me dizia: “Antônio Carlos, você será um grande professor, você tem o dom”. Obrigado por contribuir tanto para o meu desenvolvimento. Você estará sempre presente em minha memória.

Por fim, os meus agradecimentos se findam com foco em quem mais contribuiu para que eu me mantivesse de pé. E assim destaco a figura dos meus dois grandes amigos, parceiros, companheiros e figuras admiráveis, Felipe Calda Ramos e Maria Aparecida Santos Costa. Vocês dois são o que há de melhor na vida. São uma mistura de amor, afeto, companheirismo, aconchego, respeito e lealdade. Obrigado por ser quem são, obrigado por me aturarem, obrigado por nunca terem soltado a minha mão e por sempre dizerem que sou capaz. Vocês são luz em minha vida, e quero sempre estar ao lado de vocês. A nossa amizade é grandiosa, e tenho muito orgulho de dizer que sou amigo de vocês. Gratidão eternamente, a vocês eu devo muito e nunca me esquecerei dos momentos que passamos juntos, na aflição e na alegria. Que a nossa amizade permaneça para sempre com as graças de Deus.

Ao meu companheiro de vida, ao homem que me faz viver os melhores e maiores momentos da minha vida. Ao meu amor Thomas William, expresso sempre o meu desejo de estar ao seu lado cuidado e sendo cuidado por ti. Obrigado por todos os dias das nossas vidas, obrigado por você sempre acreditar no meu potencial e por sempre me dizer que eu sou capaz de tudo e que eu irei sempre conseguir aquilo que almejo. Saiba que sem o seu apoio eu não iria conseguir chegar até aqui. Obrigado meu amor e saiba que para todo o sempre, você será o meu grande milagre. Estendo também os meus agradecimentos à sua família, em especial a

sua Avó Maria de Fátima e principalmente à sua mãe Maria Erlandia, mulher companheira e amiga, que além de tudo isso, me deu o maior presente da minha vida, você.

À minha família, meus avôs maternos e paternos (que já se encontram no céu). Obrigado por serem o meu sustento e apoio. Aos meus irmãos, Francisco Dheison, Diones Pereira e Maria Daniela, que pelo seu grande testemunho de vida, me deram forças e abrigo quando eu mais precisei. Em especial a minha amada irmã/comadre/madrinha Maria Daniela, minha parceira em tudo, minha diva e a maior artista que esse mundo tem. Você sempre será essencial em minha vida, e o meu amor por ti será eterno e o mais sincero possível. Obrigado também à minha cunhada Luzenir Ribeiro, que nunca hesitou em me ajudar, não importava com o fosse, para que eu continuasse os meus estudos.

Por fim, sendo o mais importante, aos meus pais, José Maria da Silva, o famoso seu “Zé do Queijo”, um simples e alegre vendedor de peixe, e minha mãe Lusileide da Conceição Santos, a dona “Luza” como é chamada. Uma dona de casa e uma grande mulher de oração. A você papai, quero oferecer os meus agradecimentos por tudo de tão maravilhoso que me ensinastes. O seu caráter, a sua personalidade, a sua figura de um homem íntegro, generoso e honroso, foi um dos pilares para o meu crescimento como pessoa. Orgulho-me de ter um pai tão presente como você. Obrigado por se preocupar tanto comigo, e obrigado mais ainda por sempre fazer o possível e o impossível, mesmo com todas as dificuldades, para que seus filhos tivessem a melhor educação possível. Você é a minha luz e meu exemplo. A você mamãe, quero agradecer imensamente por ter me gerado e por continuar sendo a mãe mais dedicada, mais presente, mais carinhosa do mundo. Obrigado por todas as orações, saiba que elas foram essências para que eu não me desviasse do caminho certo. A senhora é a minha grande alegria e eu para sempre serei grato por cada gesto, por cada abraço, por me aceitar e por continuar sendo a minha parceira na vida. Quando eu olho para vocês e para a família linda que vocês construíram, sinto-me privilegiado por viver em um espaço com tanto amor. Quando eu olho para vocês, eu vejo o desejo e a esperança de vivermos sempre em dias de paz e com muito amor. Sem vocês, nada disso estaria acontecendo. Eu amo vocês para além da eternidade.

“Para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (Louro, 1997, p. 21).

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:** debates insurgentes sobre relações de gênero, sexualidades e identidades no Centro de Ensino Deborah Correia Lima, São Bernardo/MA

Amanda Gomes Pereira<sup>1</sup>

Antônio Carlos dos Santos da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo compreender como as temáticas de Gênero e Sexualidade estão sendo trabalhadas na escola pública estadual Centro de Ensino Deborah Correia Lima, localizada na cidade de São Bernardo/MA, e analisar através do diálogo com os alunos, se tais discussões estão sendo realizadas dentro do ambiente escolar. A referida investigação se valeu de um estudo qualitativo, realizado através das respostas obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas (May, 2014) com os (as) alunos (as) da rede estadual Centro de Ensino Deborah Correia Lima de São Bernardo/MA. Inicialmente, discutiu-se sobre os conceitos de Gênero e Sexualidade através das bibliografias pesquisadas (Louro, 1997; Foucault, 2001; Butler, 2011; Hall, 2006; Carvalho, Junqueira e Andrade, 2009). A partir das propostas aqui elencadas para a construção desse trabalho, foi possível perceber vários aspectos importantes, como por exemplo, o papel dos professores e suas contribuições em sala de aula para o enriquecimento acerca das temáticas. Vimos também através da análise das respostas dadas pelos alunos, que o ensino relacionado às questões de gênero e sexualidade dentro da escola ainda se apresenta com bastante dificuldade, e isso se é atrelado a uma série de motivos, dentre eles a falta de conhecimento acerca das temáticas e a falta de conhecimento sobre a legislação educacional brasileira. Com isso, buscou-se ao longo da construção desse trabalho, apresentar a preocupação e a urgência em implementar assuntos relacionados a questão de Gênero e Sexualidade dentro do espaço escolar, bem como a necessidade de esclarecer o que esses termos representam na sociedade, e como devemos atuar como cidadãos praticantes do respeito às identidades sexuais e de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Sexualidade; Deborah Correia Lima; São Bernardo/MA.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERF. Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita/ Gitã. E-mail: [agpereira@gmail.com](mailto:agpereira@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas/Sociologia. E-mail: [santosdasilvaa044@gmail.com](mailto:santosdasilvaa044@gmail.com).

**GENDER AND SEXUALITY AT SCHOOL:** insurgent debates about gender relations, sexualities and identities at the Deborah Correia Lima Teaching Center, São Bernardo/MA

Amanda Gomes Pereira<sup>3</sup>

Antônio Carlos dos Santos da Silva<sup>4</sup>

**ABSTRACT:** This article aims to understand how the themes of Gender and Sexuality are being worked on at the state public school Centro de Ensino Deborah Correia Lima, located in the city of São Bernardo/MA, and to analyze, through dialogue with students, whether such discussions are being carried out within the school environment. This investigation was based on a qualitative study, carried out through responses obtained through semi-structured interviews (May, 2014) with students from the state network Centro de Ensino Deborah Correia Lima in São Bernardo/MA. Initially, the concepts of Gender and Sexuality were discussed through the bibliographies researched (Louro, 1997; Foucault, 2001; Butler, 2011; Hall, 2006; Carvalho, Junqueira and Andrade, 2009). Based on the proposals listed here for the construction of this work, it was possible to perceive several important aspects, such as, for example, the role of teachers and their contributions in the classroom to enrich the topics. We also saw, through the analysis of the answers given by the students, that teaching related to gender and sexuality issues within the school still presents itself with considerable difficulty, and this is linked to a series of reasons, among them the lack of knowledge about the themes and the lack of knowledge about Brazilian educational legislation. With this, throughout the construction of this work, we sought to present the concern and urgency in implementing issues related to the issue of Gender and Sexuality within the school space, as well as the need to clarify what these terms represent in society, and how We must act as citizens who respect sexual and gender identities.

**KEYWORDS:** Gender; Sexuality; Deborah Correia Lima; São Bernardo/MA.

---

<sup>3</sup> PhD in Social Sciences from the State University of Rio de Janeiro/UERF. Adjunct Professor of Sociology in the Human Sciences Course, São Bernardo Science Center, Federal University of Maranhão/UFMA. Coordinator of the Chita/Gitã Gender and Education Study Group. Email: [agpereira@gmail.com](mailto:agpereira@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduating from the Degree in Human Sciences/Sociology at the Federal University of Maranhão, Center for Human Sciences/Sociology. Email: [santosdasilvaa044@gmail.com](mailto:santosdasilvaa044@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender como as temáticas de Gênero e Sexualidade estão sendo trabalhadas na escola pública estadual Centro de Ensino Deborah Correia Lima, localizada na cidade de São Bernardo/MA, e analisar através do diálogo com os alunos, se tais discussões estão sendo realizadas dentro do ambiente escolar.

O Centro de Ensino Deborah Correia Lima, local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa em questão, fica localizado no centro da cidade de São Bernardo- MA, e atende ao ensino público estadual, mais especificamente, as etapas do Ensino Médio na modalidade de Ensino Regular e Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJAI. A escola funciona nos turnos, manhã, tarde e noite, com aproximadamente 500 alunos matriculados, incluindo estudantes do EJAI e Educação Especial. Além disso, a escola dispõe de um quadro pedagógico de 25 professores<sup>5</sup>.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, identifiquei algumas pesquisas que já trabalharam sobre os temas de Gênero e Sexualidade, tanto no âmbito escolar, quanto no âmbito acadêmico, tendo em vista que tais pesquisas focaram em diferentes cidades e estados brasileiros. Entretanto, vale destacar que o nosso foco se volta para uma região que tem um Centro da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), em São Bernardo e que esta cidade fica situada na Mesorregião Maranhense, especificadamente, localizando-se na Microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense (Vaz, 2016, p. 48), e com uma população de aproximadamente 26. 943 habitantes, segundo o IBGE<sup>6</sup> (2022).

Os (as) autores (as) Louro (1997), Foucault (2001), Butler (2011), Hall (2006), Junqueira e Andrade (2009) trabalham e debatem os novos aspectos que fomentam e percorrem essa temática, bem como seu significado e caracterização. Entendemos, a partir desses debates, que tal discussão tende a exercer um caráter bastante significativo quando redefinem, transformam e viabilizam as lutas e conquistas adquiridas ao longo do tempo por grupos que são considerados como estando a margem na sociedade brasileira. Vemos também que muitos desses discursos envolvem uma completa desonestidade, na medida em que tentam camuflar e desconstruir os direitos conquistados por esses indivíduos por meio de

---

<sup>5</sup> Informações sobre o Centro de Ensino Debora Correia Lima foram coletadas no site. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/21136262-centro-de-ensino-debora-correia-lima> . Acesso em: 10 de out. 2023.

<sup>6</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/acao-informacao/institucional/oibge.html#:~:text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,governamentais%20federal%2C%20estadual%20e%20municipal>. Acesso em: 10 de out. 2023.

movimentos sociais que se tornaram históricos, confrontando o ódio, o preconceito e um sistema de ideias e concepções conservadoras e excludentes.

Em um país tão marcado por violências e desigualdades, como o feminicídio<sup>7</sup> que, segundo Russel e Caputti (1992, p. 2), “[...] está no ponto mais extremo do contínuo de terror anti-feminino que inclui uma vasta gama de abusos verbais e físicos”, e a homofobia<sup>8</sup>, que em grande parte dar-se através de violências morais e físicas, dentre tantos outros atos que ferem a dignidade e o respeito ao próximo.

O fator gênero e sexualidade se apresenta como sendo um debate imprescindível para que os alunos, como também as alunas, possam ter acesso a uma perspectiva além da visão binária<sup>9</sup>, centrada na heterossexualidade compulsória<sup>10</sup>, e as vivências exclusivamente cis, divididas entre “masculino” e o “feminino”. Por isso, os professores e as professoras possuem um papel importante, pois eles são vistos como uma referência dentro da sala de aula. Dessa forma, a fala do docente pode produzir efeitos positivos e/ou negativos na vida destes alunos, e quando se tem esse impacto negativo, acaba por reforçar um discurso de preconceito, de discriminação, homofobia, transfobia, etc. No espaço da sala de aula, tanto os alunos quanto as alunas devem ser tratados de forma igualitária, independentemente das suas Identidades Generificadas ou Orientação Sexual.

Contudo, o que levou a pesquisa a ser realizada foi a aproximação com a temática durante a minha trajetória escolar. Buscando memórias acerca de trabalhos e práticas desenvolvidas pelos meus (as) professores (as) em relação a esses temas, pude lembrar que passei todo o período escolar, sobretudo no Ensino Médio, sem ter ouvido e discutido tais assuntos que atravessam, especialmente, a vida de adolescentes e jovens. A minha trajetória escolar, bem como a minha vivência pessoal, fez com que eu me colocasse a disposição

---

<sup>7</sup> De acordo com Pasinato (2011, p. 223), “a expressão femicídio ou 'femicide' como formulada originalmente em inglês, é atribuída a Diana Russel, que a teria utilizado pela primeira vez em 1976, durante um depoimento perante o Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, em Bruxelas. Posteriormente, em parceria com Jill Radford, Russel escreveu um livro sobre o tema”.

<sup>8</sup> Segundo Junqueira (2007, p. 8-9), “[...] a noção de homofobia pode ser estendida para se referir a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas (homossexuais ou não) cujas performances e ou expressões de gênero (gostos, estilos, comportamentos etc.) não se enquadram nos modelos hegemônicos postos por tais normas”.

<sup>9</sup> Para Padilha e Palma (2017, p. 2), “O gênero, como conceito, prevê o binário masculino/feminino, assim como o sexo prevê o binário macho/fêmea”.

<sup>10</sup> Sobre tal expressão, Butler (2003, p. 45-46.) discorre que “A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas e do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo.

perante essa discursão, de modo a entender como funciona esse mecanismo que rege os conceitos de gênero e sexualidade, e a forma como o preconceito é inserido e praticado na sociedade. Por ser uma pessoa homossexual e por sentir na pele o que é ser uma vítima de atos homofóbicos, tendo em vista que já fui agredido fisicamente e psicologicamente, tornar esse debate acessível a todos, todas e todes é de suma importância.

Como já mencionado acima, enquanto estudante, nunca desfrutei dessa educação para diversidade tão necessária dentro do ambiente escolar, foi somente na universidade que me deparei com esses problemas sendo, muitas vezes, discutidos em disciplinas específicas e que tratam sobre a diversidade, dentre as quais destaco: Cultura, Identidade e Diversidade; Educação para a Diversidade; Educação, Cultura e Sociedade, e também nos eventos acadêmicos que tratavam dessas discussões.

Tendo como base os objetivos descritos neste trabalho, a referida investigação se valeu de um estudo qualitativo, realizado através das respostas obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas com os (as) alunos (as) da rede estadual Centro de Ensino Deborah Correia Lima de São Bernardo/MA, em que foram questionados sobre as suas concepções e vivências acerca da temática de gênero e sexualidade no ambiente escolar, o papel destas temáticas e as práticas pedagógicas que os seus professores utilizam em sala para propor esses debates.

Após a finalização das entrevistas, as respostas dos entrevistados foram descritas de forma literal, e todo o arcabouço teórico e metodológico estudado desde o início da pesquisa, foram articulados com os dados a fim de analisar todos os recursos e respostas obtidas para a concretização da pesquisa como um todo.

Assim, o presente artigo respeitará a seguinte ordem: na sessão 1. O conceito de Gênero e Sexualidade; na seção 2. Metodologia; na sessão 3. Os Resultados e discussões; e ao final, serão tecidas as Considerações finais.

## **1. O CONCEITO DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

As discussões sobre Gênero e Sexualidade, desde muito cedo, e mesmo que sem percebermos, é uma das principais características da vida dos seres humanos atuantes em uma sociedade múltipla, e com vivências de manifestações de sexualidade humana, relacionados aos aspectos que envolvem o sexo biológico, bem como a identidade de gênero. Ao observarmos a sociedade brasileira nos tempos atuais, podemos perceber que tais temáticas estão cada vez mais sendo colocadas em discussão no meio social, por meio de atividades

como campanhas contra o crime de homofobia, contra feminicídio, bem como, contra todas as práticas de discriminação e preconceitos de gênero e sexualidade.

Sobre essa perspectiva, é de se notar que nos últimos anos, os debates a respeito dos conhecimentos produzidos, assim como das concepções dos termos de gênero e sexualidade, vêm sendo acompanhadas de uma prática que envolve o conservadorismo político-religioso, que em sua construção, apresenta indivíduos que atacam e menosprezam diariamente, todos os estudos que, por sua vez, levaram anos para serem construídos e regulamentados. A partir disso, essas pessoas começam por fazerem rotulações mediante as propostas de significação dessas duas vertentes, através de uma análise baseada em uma suposta ideologia de gênero<sup>11</sup>.

Mas, afinal, quais as relações existentes entre as categorias de gênero e sexualidade? Nesta sessão, discutiremos sobre os conceitos de Gênero e Sexualidade através das bibliografias pesquisadas. Tais conceitos serão essenciais para as discussões teóricas que iremos abordar e para aprofundarmos a análise do contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, qual seja uma escola pública voltada para o Ensino Médio.

## 1. 1 GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

Uma das autoras trazidas para enriquecer esse debate é Guacira Lopes Louro<sup>12</sup>, em que a mesma irá apontar em sua obra *Gênero, Sexualidade e Educação (1997)*, que só a partir da segunda “onda do feminismo”<sup>13</sup>, no final da década de 1960, que o movimento feminista<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Conforme aponta Juliana Theodoro, no site Significados, a Ideologia de Gênero “consiste na ideia de que os seres humanos nascem iguais, sendo a definição de masculino e feminino um produto histórico-cultural, desenvolvido pela sociedade”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/ideologia-de-genero/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>12</sup> Guacira Lopes Louro é doutora em Educação pela UNICAMP, licenciada em História e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi fundadora do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) da UFRGS, onde continua atuando como pesquisadora. Tem várias publicações na área de gênero, sexualidade e educação em revistas e livros nacionais e estrangeiros. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/guacira-lobes-louro/67>. Acesso em: 19 jan. 2024).

<sup>13</sup> Para Silva et al. (2021, p. 108 ) A segunda onda do feminismo ocorre entre os anos de 1960 a 1980, com a finalidade de compreender o motivo pelo qual as mulheres ainda eram mantidas como submissas, procurando entender por qual motivo as mesmas eram consideradas como inferiores aos homens. Foi a partir dessa denominada segunda onda, que os questionamentos acerca da ideia de mulher e feminilidade foram surgindo.

<sup>14</sup> De acordo com Carla Cristina Garcia (2018, p. 9), “O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim”.

passou a se preocupar com questões teóricas, e é nesse contexto que será desenvolvido o conceito de *Gênero* como categoria de análise histórica e social (Scott, 1995).

Louro (1997) teve uma grande contribuição nos estudos a respeito das relações de gênero e sexualidade. Desde 1990, a autora se dedica às pesquisas que trazem reflexões a essas categorias, em um esforço de delimitação delas. Doutora em Educação e professora já aposentada do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando atuante, percebeu a necessidade de estudar o papel da mulher na história, assim como, através de seus estudos no campo feminista, desenvolveu análises sobre a categoria de gênero.

Conforme Louro (1997), foi a partir dos anos de 1960 que o debate de gênero foi inserido no campo de estudos sobre as diversidades, através dos movimentos sociais das mulheres. Anterior a essa década, especificamente no século XVIII, começam a aparecer as fagulhas dos movimentos organizados pelas mulheres, batizado como “sufragistas”. O sufrágio feminino tinha como propósito estender o direito ao voto às mulheres, além da busca incessante por outros direitos. Além disso, esse movimento sufragista passou a ser posteriormente reconhecido como a “primeira onda do feminismo”. Essa luta estava atrelada, majoritariamente, aos interesses e desejos das mulheres brancas de classe média, o que resultou em uma baixa redução do feminismo após as conquistas de alguns direitos. Com o acesso e a permanência de outras mulheres, com perfis diferentes das anteriores, o movimento novamente começou a ganhar um foco mais abrangente, passando a aliar o social e o político, mas, sobretudo, o teórico.

Essa concepção pode ser melhor entendida quando seguida das próprias palavras da autora, quando a intelectual evoca, no capítulo primeiro da sua obra que:

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento (Louro, 1997, p. 14-15).

De acordo com Louro (1997), a partir da denominada “segunda onda”, esta iniciada no final dos anos de 1960, um dos pontos cruciais a serem travados era a necessidade de apresentar e explicar as condições de subordinação das mulheres na sociedade, ligadas às questões da natureza e também, ligadas às questões biológicas. Todavia, as próprias militantes e estudiosas feministas viam essas questões como algo não pertencentes somente à biologia,

mais que isso, entendiam que essas condições eram sociais, históricas e culturais. A partir disso, o conceito de gênero surge com a finalidade de percepção acerca de uma particularidade social que atravessa as trajetórias de homens e mulheres, sendo socialmente produzidos e construídos historicamente.

Na segunda parte do capítulo, intitulado *Gênero, sexo e sexualidade*, Louro (1997) traz uma definição mais exata do conceito acerca das concepções de gênero, colocando em evidência as contribuições das feministas anglo-saxãs, que apontaram “*gender*” (*gênero*) como distinto de “*sex*” (*sexo*). Esta distinção, promovida por estas feministas, tais como Angela Yvonne Davis, Bell Hooks, Simone de Beauvoir, dentre outras, tinha como objetivo, acabar com o determinismo biológico<sup>15</sup> que era uma das características próprias desse conceito, dando um novo aspecto a essa ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política.

Em conformidade com a proposta teórica trazida por Louro (1997) acerca do conceito de gênero, outra autora que se aproxima em alguns aspectos com o seu pensamento é a Judith Butler<sup>16</sup>, quando Butler (2011) faz menção ao gênero como algo que é também, em certa medida, socialmente construído. Este conceito de gênero, amparado na teoria da performatividade, se torna imprescindível quando relacionado aos estudos da teoria feminista, e se torna, ao mesmo tempo, um grande marco para a iniciação dos estudos *queer*<sup>17</sup>.

Quando Butler (2011) constrói o seu argumento a respeito do conceito de gênero, a mesma o denomina como sendo uma construção cultural, que ao mesmo tempo, através dessa contínua construção, não se finda, mas se reinventa constantemente através do tempo. Dessa maneira, a autora começa a ter um novo olhar a respeito dessa conceituação, usando o fator da performatividade para exemplificá-lo. A mesma ao utilizar-se desse mesmo conceito que é um termo usualmente teatral, nos apresenta um gênero que se baseia em um ato de improvisação,

---

<sup>15</sup> De acordo com Maria Teresa Citeli (CITELI, 2001, p. 134), “Entende-se por determinismo biológico o conjunto de teorias segundo as quais a posição ocupada por diferentes grupos nas sociedades – ou comportamentos e variações das habilidades, capacidades, padrões cognitivos e sexualidade humanos – derivam de limites ou privilégios inscritos na constituição biológica”.

<sup>16</sup> Judith Butler é filósofa pós-estruturalista, estadunidense, professora de Literatura Comparada e Retórica na Universidade da Califórnia. Conhecida como teórica do poder, sexualidade, gênero e da identidade, e uma das criadoras da Teoria Queer, vertente de estudos em que continuam a atuar e publicar, Butler tem aversão a estereótipos que rotulam a identidade de gênero (Haddad; Haddad; 2017, p. 2).

<sup>17</sup> A expressão “*queer*”, segundo Salih (2016, p. 11), “[...] constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição – por assim dizer – fácil”.

ou seja, um gênero que depende da sua própria realidade e de referências contextuais, histórica e socialmente situadas (Butler, 2011, p. 70).

Em conformidade com o que fora supracitado, Butler (2011) em sua obra *Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista (2011)* traz uma idealização de identidade gênero baseada em uma premissa “performativa compelida pela sanção social e tabu”. Butler (2011) propõe que a identidade do conceito de gênero deveria ser vista de forma fluida, cuja variante se reinventa em diferentes contextos sociais e históricos, tendo em vista que tanto o gênero quanto o desejo são fatores flexíveis. A autora, então, discorre sobre o conceito de gênero, afirmando que:

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história asserbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo é confundido com um dado linguístico ou natural, o poder é posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos (Butler, 2011, p. 87).

Ao fazermos este adendo à teoria trazida por Butler (2011), percebemos a importância de refletir acerca dos conceitos construídos por intelectuais que trabalham nesse campo teórico, a fim de compararmos e entendermos os dispositivos de funcionamento destes mesmos termos em períodos e épocas anteriores.

Parafraseando Louro (1997, p. 22), percebermos que ao retornamos ao diálogo descrito nos parágrafos anteriores, havia a necessidade de recolocar o debate acerca do gênero no campo social, pois é a partir dele que ocorre as relações “desiguais entre os sujeitos”, sujeitas e sujeitos. As diferenças biológicas não podem ser utilizadas para justificar as desigualdades entre homens e mulheres. O gênero seria, pois, “a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (Louro, 1997, p. 22). Diante desse ponto de vista, observamos que as análises referentes a essas concepções devem manter um caráter referente à sua época, tendo em vista que o mesmo é tido em relação com uma conjuntura social, das quais suas concepções podem sofrer alterações.

Com base nisso, Louro (1997, p. 23) reafirma que:

[...]. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Embora o conceito de gênero se refira a uma espécie de produto social, como já mencionado anteriormente, o mesmo não deve ser pensado como um fator que dita e estabelece papéis. Diante disso, a autora destaca que:

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de papéis masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista. Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais (Louro, 1997. p. 23-24)

É a partir dessa variação de gênero que a autora propõe o conceito de Identidade, sendo outro fator bastante importante no que se refere ao contexto feminista, em conformidade com o fator Gênero, que se configura também, como uma construção interminável, que ao longo do tempo torna-se uma construção gradual na vida de cada sujeito.

Sobre Identidade, este estudo traz consigo concepções produzidas a partir de determinadas categorias, criadas a partir de uma reflexão voltada para a apreensão da identidade cultural, em que podemos trazer para essa análise conceitual as contribuições de Stuart Hall (2006)<sup>18</sup>. O autor, em suas análises, atribui três modos distintos de se pensar e refletir sobre a Identidade, das quais destacamos, segundo os preceitos atribuídos por ele, as seguintes: a Identidade do sujeito iluminista; a Identidade do sujeito sociológico; e, por fim, a Identidade do sujeito pós-moderno.

A Identidade do sujeito iluminista compreende-se como fator em que o indivíduo se encontra de uma forma mais centrada e unida, cujo centro se baseia a partir de um núcleo interior que emerge a partir do nascimento desse mesmo sujeito (Hall, 2006). Essa identidade, segundo Hall (2006, p. 10-11) permitia que o sujeito agisse e pensasse por conta própria. Além disso, era uma identidade que permanecia e se desenvolvia ao longo de toda a vida, portanto, se configurava como uma identidade interior.

Por sua vez, na Identidade do sujeito sociológico, é entendido que o sujeito moderno não era autônomo como na categoria iluminista, mas, sim, constituído a partir de relações pessoais na sociedade (Hall, 2006, p.11). Ou seja, essa Identidade que antes era tratada como

---

<sup>18</sup> Stuart Hall foi um sociólogo e teórico cultural jamaicano que viveu e trabalhou na Inglaterra. Sua maior contribuição para o mundo intelectual ao lado de Richard Hoggart e Raymond Williams foi a criação do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham, a partir de onde estimulou a mudança da concepção conceitual de cultura, a qual era influenciada pela teoria marxista.

algo interior, passa a ser vista como algo que se fundamenta a partir das relações entre os sujeitos e o meio.

Já na Identidade do sujeito pós-moderno, encontramos um sujeito que não apresenta uma identidade permanente, e que não desfruta de uma identidade baseada na essência, sendo assim, essa identidade é formada e reconstruída a partir das relações de diálogos com as diversidades culturais que estão ao nosso redor, sendo elas definidas sobre um parâmetro histórico, e não biológico (Hall, 2006, p. 12-13).

É a partir dessa lógica que Guacira Lopes Louro (1997) caminha rumo a um novo conceito, o de Sexualidade. É nesta construção conceitual de identidade, que a autora irá distinguir Identidade Sexual e Identidade de Gênero, assim como defini-las.

### **1. 3 SEXUALIDADE: definindo identidade sexual e identidade de gênero**

Voltando ao período que equivale aos anos de 1960 a 1970, podemos inferir que este mesmo ficou conhecido como o Período Histórico Ocidental marcado pela chamada Revolução Sexual<sup>19</sup> e, conseqüentemente, pelo questionamento das normas sociais, com a chegada das tecnologias científicas, resultantes da criação de medidas variadas de controle de natalidade, como é o caso da pílula anticoncepcional. É neste mesmo período que surgem algumas novas acepções voltadas ao sexo, tendo em seu novo contexto uma nova reformulação, esta que antes era tratada apenas como um fenômeno de reprodução, agora, neste momento, passa a ser vista, como um produto provindo de uma finalidade econômica, e também “política conservadora”, como introduz, Michel Foucault (1988, p. 38).

Foucault (1988) em sua obra *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, especificamente no capítulo IV, onde trabalha o conceito de Dispositivos de Sexualidade, irá fazer menção à sexualidade como uma espécie de agrupamento de ações produzidas nos corpos, com relações sociais nos comportamentos pessoais que são produzidas por um determinado tipo de dispositivo. Dessa maneira, o autor descreve que:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (Foucault, 1988, p. 100).

---

<sup>19</sup> Conforme o site Brasil Paralelo, “a Revolução Sexual foi uma forma de pensar sobre a liberdade sexual humana desafiando a moral tradicional. Atingiu seu ápice nos anos 60, embora este não tenha sido seu início. Durou até aproximadamente a década de 70. A principal ruptura foi com as relações heterossexuais e monogâmicas (apenas entre duas pessoas). **(Entenda o que foi a Revolução Sexual em suas 2 etapas, sua relação com o feminismo, seus principais teóricos e as conseqüências)**”

Foucault (1988), em sua obra, observando um período que varia entre os séculos XVII e XIX, irá trabalhar um conceito de disseminação de discursos que produz critérios e planos de controle e de regulamentação dos corpos, estendendo essa visão não somente aos comportamentos individuais de cada cidadão, mas para o governo da população em geral. Esses discursos se fundamentavam a partir de um pensamento hipotético que relacionava a sexualidade humana como algo que despontou e se solidificou somente quando se colocou em funcionamento um dito regime de saber-poder.

Dando espaço a essas contribuições trazidas por Foucault (1988) em sua obra, Louro (1997), em sua obra supracitada, desenvolve um diálogo acerca da definição de sexualidade, referenciando esse termo como um fator efetivo no que se refere ao modo como o sujeito se relaciona com o outro. De uma maneira mais simples, a seu ver, o entendimento acerca da sexualidade se baseia na maneira como o indivíduo estabelece suas relações interpessoais, levando em consideração seus modos de sentir e de se comportar, bem como, em contrapartida, levando em conta sua construção social e cultural, vigente em cada época.

Outros autores que irão colocar em evidência esse mesmo pensamento são Carvalho, Junqueira e Andrade (2009), que em sua obra *Gênero e diversidade sexual* estabelecem que a Sexualidade seria “a manifestação de desejos e prazeres que compreendem experiências e preferências, sejam físicas ou comportamentais de pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou de ambos os sexos” (Carvalho; Junqueira; Andrade, 2009, p. 41). Com base nisso, podemos perceber, através do diálogo desses autores, que existem inúmeras maneiras de se definir a sexualidade. Essas maneiras não se limitam em apenas uma maneira isolada, portanto, não são fixas, sem deixarmos de destacar as relações de poder que perpassam essa esfera da vida humana.

Dando ênfase a esse novo modo de pensar sobre a Sexualidade, Louro (1997) irá entender essa categoria também como uma construção social que designa as diferentes formas de experimentação do desejo afetivo e sexual com “parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as”. Louro (2002, p. 5-6), em um aprofundamento acerca da Sexualidade, discorre que:

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não

— natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente.

Ainda nessa mesma perspectiva, Louro (1997) irá trazer uma definição categórica acerca da Sexualidade, observando que:

Os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação" (Louro, 1997, p. 26-27).

Conforme aponta a autora, tanto as dinâmicas de Gênero como a dinâmica da Sexualidade estão sempre em constante transformação, e é a partir desta abordagem que o conceito de Identidade sexual e Identidade de gênero são inseridos, tendo em vista que essas, na concepção de Louro (1997), são múltiplas e plurais, contribuindo na compreensão acerca das práticas educativas que são "generificadas" segundo as questões sexuais, fazendo com que as crianças e os jovens se reconheçam a partir de seu gênero singular, de acordo com a maneira como se relacionam socialmente, e também culturalmente, desde o seu nascimento.

Por fim, podemos considerar o conceito de Identidade sexual como a forma em que o indivíduo irá vivenciar e experienciar seus prazeres e desejos, bem como os sentidos que darão a essas experiências. Já a Identidade de gênero, se configura a partir da maneira como o indivíduo se identifica socialmente e historicamente, cis ou trans, dentro do espectro heteronormativo ou não.

## **2. METODOLOGIA**

Iniciamos essa sessão, dando continuidade ao debate relacionado às propostas elencadas durante todo este trabalho, até aqui desenvolvido, manifestando agora o quão é importante falarmos sobre o espaço escolar, no que se refere às manifestações democráticas de trabalho de conscientização das temáticas relacionadas aos parâmetros metodológicos para os estudos de Gênero e Sexualidade. Logo, podemos inferir que a escola é uma instituição

democrática que precisa, necessariamente, demonstrar o seu interesse acerca dessa abordagem, buscando sempre manter o respeito e a harmonia perante a essa diversidade humana, das quais destacamos a diversidade de gênero e diversidade sexual. Todavia o que percebemos, é que essa política de inclusão ainda não é de todo, sustentada no ambiente escolar. E é partir disso que Louro (2001, p. 80), contribui dizendo que:

É importante notar, no entanto, que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: "em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área", ou então, "nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos". De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses "problemas" a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.

Com a educação sendo entendida como um ato político, se faz necessário que tanto a Educação sexual como a de gênero, sejam inseridas no currículo escolar desde a infância, para que com essa educação, a sociedade caminhe sempre sendo mais justa, respeitando todas as diversidades humanas. E para reafirmar isso, quanto ao tocante a respeito da sexualidade, Gagliotto (2009, p. 18) traz em seus escritos uma abordagem ao afirmar que a Sexualidade “configura-se numa das dimensões humanas mais complexas por constituir-se de um elo entre aspectos subjetivos do ser humano (filosóficos, sociais, históricos, antropológicos, pedagógicos e psicológicos) e aspectos biológicos (genéticos, reprodutivos, identidades genitais)”.

No espaço escolar, e em seu cotidiano, é comum identificarmos a naturalização, existente por vezes sobre os modos de preconceito que envolvem as relações sexuais e de gênero, e até mesmo questões de cunho racial. Essas demonstrações de preconceito e intolerância se tornaram, com o passar do tempo, tão comuns e livres que aparentemente não se percebe o receio, e muito menos um desconforto por parte de quem a pratica.

Em geral, as escolas possuem normas, padrões e regras que determinam os comportamentos aceitos dentro desses espaços, por isso, geram-se “imposições” e “proibições”, sendo muitas vezes de maneiras sutis. Nessa perspectiva, Ana Paula Brasil (2017) aponta que:

No que diz respeito aos diversos temas inscritos no campo central da sexualidade, é consenso entre pesquisadores/as da educação que, de modo geral, “a escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos”, de forma “muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura”, como considera Guacira Lopes Louro no artigo “Pedagogias da sexualidade” (Louro, 2015, p. 16). A escola se empenha em educar crianças e adolescentes de modo a garantir a

constituição de adultos alinhados aos padrões hegemônicos de identidade de gênero e a uma ideologia sexista que valoriza o masculino em detrimento do feminino.

Por isso, a escola e os (as) professores (as) deviam ter o compromisso de desnaturalizar “os padrões hegemônicos de identidade de gênero” e discutir sobre sexualidade, não apenas abordando conceitos relacionados à biologia.

Quando se trata das temáticas sobre Gênero e Sexualidade na Educação Nacional, podemos constatar que a mesma não é recente, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN (BRASIL, 1997; 1998), incluem tais temas como temática transversal. Segundo os PCNs, a Sexualidade deveria ser trabalhada no currículo da educação básica. Dessa forma, esses parâmetros foram criados com o intuito de incluir o tema acerca da “Orientação Sexual” que:

[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 1997, p. 73).

Podemos inferir que, nesses parâmetros, demonstrava-se a preocupação com a saúde dos adolescentes, colocando em segundo plano as discussões de Gênero e Sexualidade. Para Abreu e Santos (2015, p. 31-32),

Os temas das relações de gênero e da sexualidade são inseridos nos documentos do ensino fundamental como subtemas apresentados no PCN-Orientação Sexual, como eixos básicos para a discussão dos temas e para sua incorporação nos currículos. Desse modo, os subtemas que compõem o fascículo da Orientação Sexual são: 1) Corpo: matriz da sexualidade, 2) Relações de gênero e 3) Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Ainda segundo Abreu e Santos (2015, p. 32), nos objetivos desse documento, há uma predominância das temáticas relativas à saúde, principalmente quanto à prevenção do HIV/AIDS e outras ISTs, assim como a prevenção a gravidez na adolescência. Por fim, para os mesmos, “A sexualidade é apresentada nos PCN como uma forma de debater o tema do sexo seguro” (Abreu; Santos, 2015, p. 32).

A partir disso, e tendo como base as problemáticas descritas no cerne desta pesquisa, a referida investigação se valeu de um estudo qualitativo onde foram utilizadas de forma presencial, entrevistas semiestruturadas com estudantes da Escola Estadual Centro de Ensino Deborah Correia Lima, da cidade de São Bernardo/MA. Durante as entrevistas, foram

questionados sobre as suas concepções e vivências acerca da temática de gênero e sexualidade no ambiente escolar, o papel destas temáticas e as práticas pedagógicas que os seus professores utilizam em sala para propor esses debates.

Como já mencionado, realizou-se entrevistas semiestruturadas. O Sociólogo Tim May (2014) pontuou sobre a utilização dos métodos de entrevistas para a obtenção de dados em seu livro *Pesquisa Social*, discorrendo que:

Os métodos para gerar e manter conversações com pessoas sobre um tópico específico ou um leque de tópicos e as interpretações que os pesquisadores fazem dos dados resultantes, constituem os fundamentos do ato de entrevistar e das entrevistas. As entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas. (May, 2014, p. 145).

Esse método de pesquisa qualitativo, baseado no contato direto do pesquisador com o ambiente e com o sujeito de investigação, possibilitou o uso de uma série de perguntas semiestruturadas, seguidas de outras perguntas mais livres, que foram de suma importância para a obtenção das informações necessárias para a conclusão dessa investigação.

Nessa perspectiva, destacamos o método de entrevista, por ser um dos mais proveitosos procedimentos metodológicos utilizados pelo viés do método qualitativo para a busca e obtenção de dados para uma dada pesquisa social.

A partir disso, essa pesquisa se valeu de um processo dinâmico, consistindo inicialmente na seleção de uma turma do 3º ano matutino da Escola Estadual Deborah Correia Lima. A seleção desses alunos (as) foi constituída a partir de um contato prévio com a gestão da escola e, posteriormente, com a Professora Isabelle Gonçalves, docente da área de Ciências Humanas dessa mesma instituição, a mesma deu dicas e indicações de possíveis turmas que poderiam participar da entrevista. Neste contato com os estudantes, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, bem como a importância da contribuição deles e delas com o problema debatido, tendo em vista que eles presenciam diversas manifestações de preconceitos, exclusão e não aceitação por parte de alguns colegas. Sendo assim, a pesquisa foi realizada no dia 30/11/2023 às 09h30 min, na turma do 3º ano A, do turno matutino.

Como recurso metodológico, utilizou-se um questionário contendo 05 questões de cunho pessoal e um questionário contendo 07 questões dissertativas acerca da proposta da pesquisa.

Após a finalização das entrevistas, as respostas dos entrevistados foram descritas de forma literal, e todo o arcabouço teórico e metodológico estudado desde o início da pesquisa,

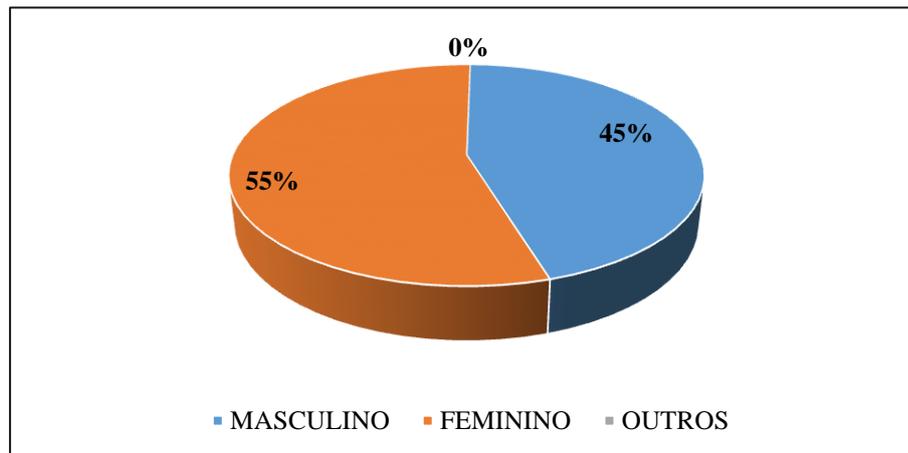
foram também utilizados para fundamentar as análises, a fim de compreender todos os recursos e respostas obtidas para a concretização da pesquisa como um todo.

### **3. RESULTADOS E DISCURSÕES**

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos com o questionário realizado com os alunos do 3º ano A, do Centro de Ensino Deborah Correia Lima, que objetivou compreender se as temáticas de Gênero e Sexualidade estão sendo trabalhadas no ambiente escolar.

Com o intuito de organizar os dados obtidos, seguiremos a ordem das questões elaboradas, a saber: 01. Na sua concepção, como você definiria Gênero e Sexualidade? O debate acerca desse tema é comum no seu dia a dia? 02. Conforme os estudos das disciplinas da sua grade curricular, em alguma delas, os seus professores trabalham conteúdos voltadas para as questões de Gênero e Sexualidade? 03. Na sua opinião, que postura a escola deveria tomar diante de acontecimentos que demonstram manifestações de preconceito de Gênero e preconceitos voltadas para as questões de Sexualidade? 04. Conforme o seu dia a dia na escola, poderia citar a forma como os seus professores lidam com esses tipos de preconceito dentro da sala de aula? 05. Você, durante toda a sua vida estudantil até os dias de hoje, já sofreu algum tipo de preconceito ligado a essas categorias dentro do ambiente escolar? Se sim, poderia citar algum? 06. De acordo com seu entendimento, e de acordo com a gravidade do problema, você gostaria que a escola desenvolvesse mais atividades voltadas para a educação e respeito aos fatores de gênero e sexualidade? Porquê? 07. Você já praticou algum tipo de preconceito e discriminação de gênero e sexualidade com algum aluno, funcionário, professor ou até mesmo com a gestão da escola?

Antes de começarmos a analisar de fato as respostas descritas pelos alunos, descreverei os dados pessoais dos participantes da pesquisa a partir das seguintes informações: gênero/sexo, idade, raça/etnia e o local onde reside. As informações abaixo descritas, são dados recolhidos das próprias respostas dos alunos da referida escola já mencionada neste trabalho, seguindo as normas padrão de ética, mantendo o anonimato dos sujeitos participantes da entrevista.

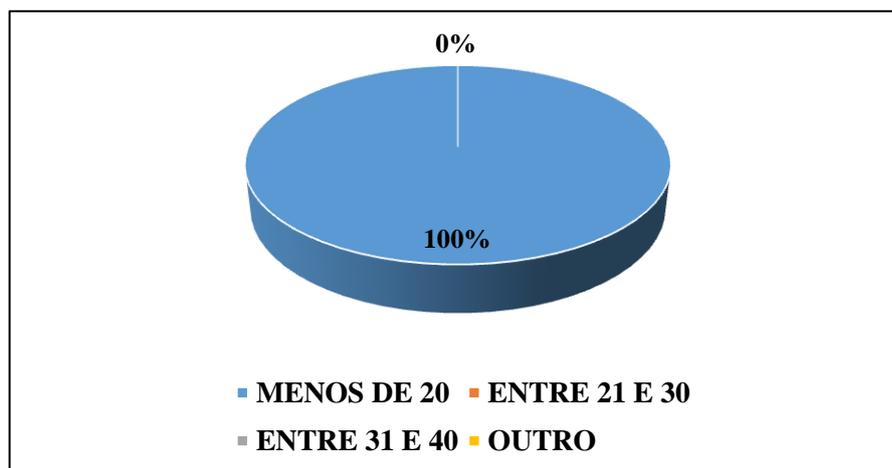
**Gráfico 1: Gênero/sexo**

**FONTE:** Pereira; Silva, 2023.

Ao observarmos os dados contidos no gráfico 1, podemos observar que 55% da turma é composta por indivíduos do gênero feminino e 45% composta por indivíduos do gênero masculino. O gráfico também mostra que 0% da turma não se identificou com outros gêneros ou sexualidade.

Através da análise feita a partir do gráfico e pelo comportamento dos alunos no ato da aplicação do questionário, foi possível observar uma certa confusão sobre o uso correto desses termos.

Por conseguinte, apresentaremos os dados referentes a idade

**Gráfico 2: Idade**

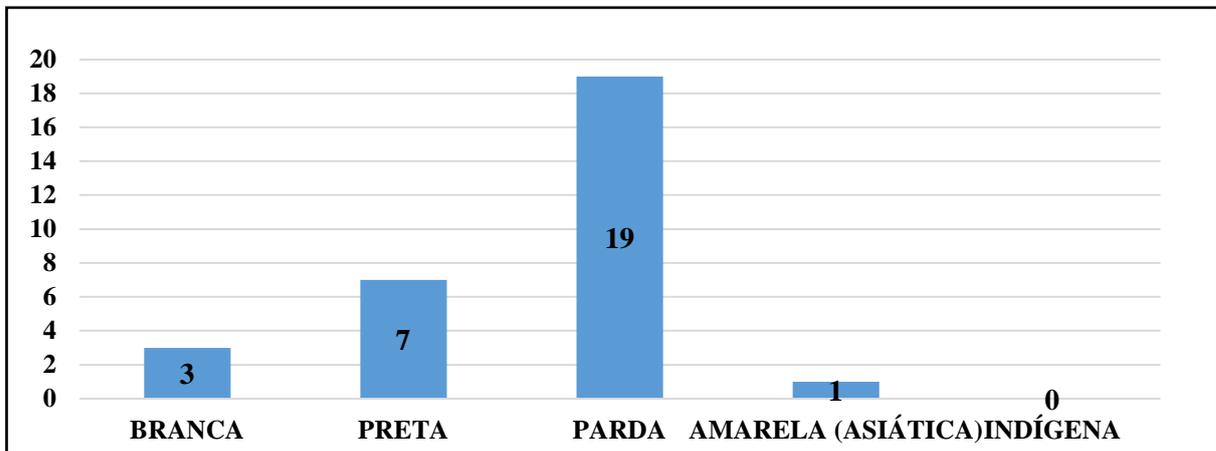
**FONTE:** Pereira; Silva, 2023.

O gráfico especificado acima, demonstra claramente que 100% da turma, se enquadra na idade de menos de 20 anos. Isso mostra que mesmo com grandes desistências de muitos

alunos da vida escolar, boa parte deles continua estudando de acordo com sua realidade, e com a idade correspondente à série estudada, se adaptando ao ambiente escolar.

No gráfico seguinte, temos as informações acerca da Raça/Etnia dos participantes:

**Gráfico 3: Raça/ Etnia**

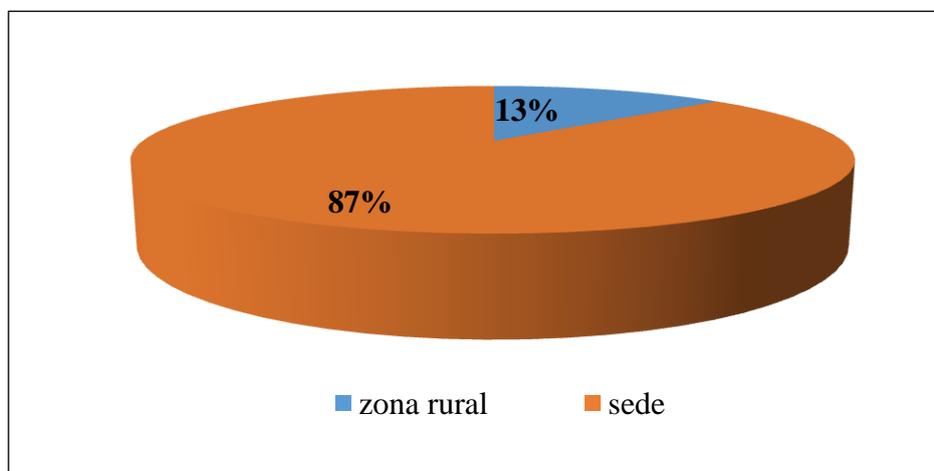


**FONTE:** Pereira; Silva, 2023.

No gráfico 3, podemos observar como se desenvolveram as respostas dos alunos. Ao serem questionados pela sua raça ou etnia, três destes mesmos alunos se autodeclararam brancos, por sua vez, sete se autodeclararam preto (a), apenas um se autodeclarou amarelo (a), e nenhum deles se declarou indígena. Podemos perceber ainda, ao analisar o gráfico, que 19 alunos (as), sendo a grande maioria da turma, se autodeclararam pardos.

Logo após, temos o gráfico 4 que questiona se os alunos residem na cidade de São Bernardo.

**Gráfico 4: Reside na cidade de São Bernardo - MA?**



Ao observar os dados trazidos pelo gráfico 4, percebemos que todos os alunos residem na cidade de São Bernardo, onde fica localizado o prédio da escola, sendo 87% residentes na

sede e 13% na zona rural. É válido destacar o esforço dos mesmos para chegarem até a escola, tendo em vista que, na maioria das vezes, os anexos sofrem com a ausência de professores, fazendo com que muitos alunos passem a se deslocar para a cidade.

Com base nas informações trazidas acima, que configuram os perfis dos participantes da pesquisa, trataremos agora de problematizar as respostas dos mesmos perante os questionamentos feitos a partir das perguntas que lhes foram dirigidas.

### **3. 1 GÊNERO E SEXUALIDADE: uma análise sobre as concepções dos alunos a partir da aplicação de um questionário**

A proposta trazida na questão 1 intitulada “**Na sua concepção, como você definiria Gênero e Sexualidade? O debate acerca desse tema é comum no seu dia a dia?**”, tinha como objetivo tentar identificar se tais discussões eram frequentes dentro da sala de aula e até mesmo no ambiente escolar, visto que o debate acerca dessas categorias está sempre em evidência dentro da sociedade.

Com base na pergunta, alguns alunos descreveram que:

Aluno A, jovem rapaz, respondeu que: “gênero e sexualidade são os mesmo de: se você é homem ou mulher, transgêneras ou gay”, destacando que o tema é: “Sim, bem comum (em seu cotidiano escolar)” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluno B, jovem rapaz, deu a seguinte resposta: “descreveria que sexualidade e gênero são menino e menina” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

O aluno C, um jovem rapaz, que “gênero é o elemento que identifica uma pessoa no momento em que ela nasce (masculino ou feminino) e sexualidade são os modos como às pessoas se identificam” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Ainda obtivemos outras respostas acerca desta questão primeira.

A aluna D, uma jovem moça, indagou dizendo que: “Definiria esse termo como algo íntimo, pois não precisa ser exposto. Não, não é comum” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Já a aluna E, indagou dizendo que: “gênero é um fator biológico. Sexualidade se resume a escolha que a pessoa acha que pode ser. Porque só existem dois gêneros” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Por fim, o aluno F, um jovem rapaz, destacou sua fala dizendo que: “como um padrão dado por Deus, não pela sociedade. Só existe homem e mulher” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Ainda sobre esta pergunta, obtivemos outras respostas, no entanto, as mesmas foram descritas de forma bem objetivas pelos alunos, onde os mesmos usaram afirmações como “Sim” e “Não”, para justificarem suas respostas.

É importante que observemos de que forma as definições desses conceitos estão chegando até esses estudantes de ensino médio. Alguns deles disseram que esse debate é comum em seu dia a dia, mas de que maneira? Que palavras estão sendo usadas para a elaboração desse conceito? Quem está repassando essa informação? Percebe-se ao analisamos as respostas dos mesmos que existe um entendimento errôneo quanto aos conceitos e definições dessas categorias.

A segunda questão **“Conforme os estudos das disciplinas da sua grade curricular, em alguma delas, os seus professores trabalham conteúdos voltadas para as questões de Gênero e Sexualidade?”** tinha como proposta saber se tais discussões eram debatidas dentro da sala de aula pelos professores.

Foi então a partir desta pergunta que lhes foi provocada, que um aluno A, um jovem rapaz, respondeu dizendo que: “Muito pouco” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluna B, uma jovem moça, contribuiu dizendo que: “Em algumas temos conversas simples” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluno C, um jovem rapaz, respondeu que: “tais temas são trabalhados na disciplina de “Humanas” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluna D, uma moça dedicada, deu sua contribuição afirmando que: “Sim. Acredito que em “projeto de vida”, seja necessário para que possamos nos identificar”. (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

O aluno E, um rapaz bastante dedicado, deu sua contribuição dizendo que: “Às vezes, por falta de conhecimento talvez, mas sempre tem oportunidade para falar sobre” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Ainda obtivemos respostas acerca desta pergunta, no entanto, os alunos expressaram suas respostas de forma bem objetivas, usando apenas advérbios como “Sim” e “Não”. Dos 30 alunos entrevistados, apenas 05 responderam de forma mais elaborada suas respostas, conforme fora exposto acima.

Diante do que foi apresentado logo acima, é preocupante percebermos que tais debates estão passando despercebidos na vida escolar desses alunos, e é a partir dessas afirmações que coloco a minha experiência no Programa Residência Pedagógica. Enquanto bolsista do programa, no período que equivale às regências, sempre tive o cuidado de levar para a sala de

aula debates que pudessem incluir tais discursões sobre esses temas, sejam elas em abordagens como o problema das desigualdades, onde foi possível dá espaço para o debate sobre as desigualdades de gênero e sexualidade, bem como as desigualdades raciais. Ainda tivemos a oportunidade de trabalharmos questões sobre os jovens e o mundo do trabalho, pontuando a dificuldade em que LGBTQIAPN+, bem como as mulheres, principalmente as negras, têm em conseguir trabalho.

O que fica evidente, é que tais discursões são trabalhadas dentro da sala de aula. E essa afirmação se dá por meio do período de observação que tive enquanto bolsista do programa Residência Pedagógica, onde a professora Isabelle Gonçalves, sempre que possível, falava ao tocante relacionado às questões de gênero. O que fica evidente também é a falta de atenção e percepção dos alunos acerca dos temas.

A partir disso, é válido ressaltarmos que atualmente, temos sempre uma oportunidade de falarmos sobre esses conceitos, tendo em vista que, existem datas como, Dia internacional da Visibilidade Trans (31 de março)<sup>20</sup>, Dia Internacional de Combate a Homofobia (17 de maio)<sup>21</sup>, Dia Internacional da Visibilidade Lésbica (29 de agosto)<sup>22</sup>, Dia Internacional da Mulher (08 de março)<sup>23</sup>, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha

---

<sup>20</sup> A data foi criada em 2009, em Michigan, Estados Unidos. O marco foi idealizado pela ativista trans Rachel Crandall-Crocker com o intuito de trazer visibilidade para os membros da comunidade trans. Disponível em: <https://eurofarma.com.br/artigos/dia-internacional-da-visibilidade-trans>. Acesso em: 24 jan. de 2024.

<sup>21</sup> Segundo Gabriela Lobato, no site do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília, “em 17 de maio de 1990, a luta da população LGBT (lésbica, gays, bissexuais, travestis e transexuais) dava um passo importante com o fim da classificação da homossexualidade como doença, segundo a Classificação Estatística Internacional de Doença e Problemas Relacionados com a Saúde. Instalação foi realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Desde então, a data relembra o mundo inteiro sobre o Dia Internacional do Combate à Homofobia, remetendo todos a luta contra o preconceito e a violência e pela garantia dos direitos humanos e diversidade sexual”. Disponível em: <https://www.nesp.unb.br/index.php/42-noticiascentro/312-dia-internacional-do-combate-a-homofobia>. Acesso em: 24 jan. 2024.

<sup>22</sup> Conforme o site do GOV, “no Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, celebrado neste 29 de agosto, o Ministério da Cultura (MinC), comemora a força, o olhar sensível e a importância da representatividade da mulher lésbica para a sociedade e a cultura” Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/dia-nacional-da-visibilidade-lesbica-data-de-celebracao-e-reparacao-1>. Acesso em: 24 jan. 2024.

<sup>23</sup> “O Dia Internacional das Mulheres teve origem no movimento operário e se tornou um evento anual reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU). Suas sementes foram plantadas em 1908, quando 15 mil mulheres marcharam pela cidade de Nova York exigindo a redução das jornadas de trabalho, salários melhores e direito ao voto. Um ano depois, o Partido Socialista da América declarou o primeiro Dia Nacional das Mulheres. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/267-08-de-marco-dia-internacional-das-mulheres>. Acesso em: 24 jan. 2024.

(25 de julho)<sup>24</sup>, dentre tantos outros rememorativos que nos ajudam e auxiliam no desenvolvimento de atividades complementares acerca dessas temáticas para com os nossos alunos.

Para isto, a terceira questão do questionário buscava saber na opinião dos alunos:

**“Em sua opinião, que postura a escola deveria tomar diante de acontecimentos que demonstram manifestações de preconceito de Gênero e preconceitos voltados para as questões de Sexualidade?”**

Por meio dessa pergunta provocativa, alguns alunos expressaram suas opiniões pontuando que a melhor maneira é o diálogo, e acima de tudo, dar apoio às pessoas que são vítimas de tais preconceitos.

Aluno A, um rapaz bastante expressivo, pontuou dizendo que: “Acredito que a escola pode tomar medidas para combater o preconceito, mas de forma que não seja lançada com temas desnecessários” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluna B, uma garota, deu sua contribuição pontuando que: “Acho que palestras pedindo respeito com essas pessoas” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluna C, uma jovem, completou dizendo que: “Acho que a postura deve ser contrária a qualquer preconceito tanto na escola ou não” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluno D, um rapaz, descreveu sua resposta da seguinte maneira: “Inibir manifestações de ódio contra alunos, porém não se deve trabalhar de maneira militante ativista, contudo, sempre de maneira que respeite a liberdade individual” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluna E, uma jovem, disse que: “Primeiro precisam definir se é preconceito ou opinião. Se de fato houver preconceito a medida certa é tentar mudar o pensamento do aluno” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Aluno F, um jovem, mencionou que: “Deveria tomar atitudes como fazer palestras sobre o preconceito para os alunos” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

---

<sup>24</sup> “Comemorada no dia 25 de julho, a data remonta ao ano de 1992 quando, em Santo Domingo, República Dominicana, realizou-se o 1º encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas. O encontro, além de propor a união entre essas mulheres, também visava denunciar o racismo e machismo enfrentados por mulheres negras, não só nas Américas, mas também ao redor do globo. Essa importante reunião conseguiu que a ONU, ainda em 1992, reconhecesse o dia 25 de julho como Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha”. Disponível em: <http://www.sipad.ufpr.br/portal/dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/>. Acesso em: 24 jan. 2024

Outro aluno G, descreveu sua resposta dizendo que: “Acredito que a escola pode tomar medidas para combater o preconceito, mas de forma que não seja forçada e com temas desnecessários” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

A aluna H, pontuou que: “De disciplina. Ensinar os alunos que não existe só sexualidade, homem e mulher” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Não obstante, um aluno I, um rapaz, destacou dizendo que: “Acho que deveriam castigar de alguma forma, e mostrar que tem que ter respeito, a escola tem que ser um ambiente saudável” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Além dessas respostas descritas acima, o diálogo acerca desta pergunta gerou alguns outros posicionamentos bem satisfatórios, como a de outra aluna que responde dizendo que “A escola não deveria ser um lugar para abrigar preconceito e sim inclusão” (Material coletado pelo pesquisador, 2023). E de certa forma, a colocação descrita pela mesma, nos reflete à importância de sempre mantermos em evidência assuntos relacionados às questões de gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar.

Infelizmente, alguns alunos entrevistados não responderam à pergunta e tampouco souberam responde-la, usando termos como “não sei”, para justificarem suas respostas. Todavia, alguns alunos ainda citam ações como palestras, rodas de conversa, orientações, etc., e tudo que possa envolver os alunos para que os mesmos possam adquirir um bom conhecimento acerca das temáticas, a fim de levarem mais a sério esse debate e propagarem informações que possam colaborar para a extinção do preconceito e discriminações a estes grupos.

A quarta questão, questiona **“Conforme o seu dia a dia na escola, poderias citar a forma como os seus professores lidam com esses tipos de preconceitos dentro da sala de aula?”**. Tal pergunta tinha como objetivo, absorver dos alunos as ações tomadas pelos docentes diante de situações que envolvam algum tipo de preconceito ou discriminação sexual ou de gênero. Ademais, essa pergunta é de um caráter bastante significativo, uma vez que, enquanto alunos presenciamos diversas formas de preconceito no ambiente escolar, e nos dias de hoje não é muito diferente, e saber a forma como os professores e professoras desta instituição de ensino atuam diante de acontecimentos deste tipo, nos faz refletir e até mesmo nos questionar até que ponto o professor (a) está preparado para lidar com tais situações e se os mesmos estão tendo algum tipo de formação ou orientação adequada que os ajudem a conduzir e reparar qualquer dano causado pelo preconceito.

Diante disso, os alunos manifestaram suas respostas proferindo que geralmente não acontecem tais ações dentro da sala de aula, mas quando acontecem, os(as) professores(as) tentam conduzir a situação da melhor maneira possível, orientando e enfatizando a importância de sempre manterem o respeito entre si.

Conforme os próprios alunos relataram, o aluno A, respondeu dizendo que: “de forma discreta, às vezes chama o responsável para uma conversa” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna B, contribui dizendo que: “É muito difícil lidar com isso” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna C, uma jovem, descreve que: “não presenciei nenhuma cena como essa” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno D, respondeu que: “Não de maneira ativa, todavia o respeito a sexualidade e gênero é vigente em minha sala” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno E, pontuou sua resposta dizendo que: “Corrigindo os alunos” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Por fim, outro aluno F, contribui dizendo que: “Lidam bem, repreendendo todo preconceito” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Destacamos que mais uma vez, boa parte dos alunos não souberam responder à pergunta ou não quiseram responder. Nesta grande maioria, os mesmos deixaram em branco o espaço para as respostas e outros usaram respostas bem objetivas como “Não”, “Não sei” e “não tem preconceito”.

A quinta questão foi de um teor mais íntimo e pessoal, onde questionava os alunos se **“Durante toda a sua vida estudantil, até os dias de hoje, já sofreu algum tipo de preconceito ligado a essas categorias dentro do ambiente escolar? Se sim, poderia citar algum?”**.

Muitos deles usaram respostas curtas e objetivas como “Não” e “Sim”, todavia, tivemos algumas respostas que valem a pena destacarmos.

Um aluno A, um rapaz, respondeu que: “Sim. Por causa do meu jeito” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Já uma aluna B, uma moça, respondeu que: “Não, nunca sofri. E se tivesse sofrido, haviam medidas a serem tomadas acerca disso” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno C, um rapaz bem esforçado, descreveu sua resposta dizendo: “Não, não sou gay. Porém é visível que durante as primeiras séries sempre havia brincadeiras como: viado, bicha, mulherzinha” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno D, um jovem rapaz, também respondeu que: “Não. Nunca sofri nenhum tipo de preconceito” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna E, uma moça bastante dedicada, pontuou sua resposta escrevendo que: “Sim e Não. Por ser mulher muita das vezes sofremos esse tipo de preconceito” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Tais questões elencadas pelos alunos só mostram o quão é real e o quão é presente dentro da sociedade o preconceito. Qualquer manifestação de preconceito, seja ela qual for, acaba por afetar toda a sociedade. São casos que afetam profundamente as relações sociais, impedindo que haja igualdade e garantia dos Direitos Humanos.

Nesta mesma discussão, destacamos também a fala do aluno C, onde o mesmo dá uma demonstração de algo que é recorrente no nosso dia a dia, que é o caso da homofobia recreativa, que aparecem de diversas maneiras e em determinados contextos. No seu caso, ele mesmo destaca “brincadeiras” como o de ser chamado de “viado, bicha, mulherzinha” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Tal manifestação de preconceito pode ser entendida por muitos como brincadeiras inofensivas, no entanto, essa prática de discriminação viola nitidamente os direitos sociais fundamentais do indivíduo. A ocorrência dessas atitudes, sejam elas ocorridas em variados ambientes, podem causar consequências um tanto quando graves para a vítima e também para quem as pratica.

Dando continuidade aos resultados obtidos pela pesquisa, na sexta questão, os alunos (a) quando questionados (a) se **“De acordo com o seu entendimento, e de acordo com a gravidade do problema, você gostaria que a escola desenvolvesse mais atividades voltadas para a educação e respeito às identidades de gênero e sexualidade? Por quê?”**, descreveram que:

Uma aluna A, uma moça, respondeu dizendo que: “Sim. Porque é fundamental que os alunos tenham esse conhecimento” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna B, uma menina bastante dedicada, pontuou dizendo que: “Sim. Porque talvez assim as pessoas aprendessem a respeitar mais” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna C, destacou sua resposta dizendo que: “Sim. Pois é necessário hoje em dia no mundo em que vivemos” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno D, um jovem rapaz, destacou sua resposta pontuando que: “A escola não deveria abdicar da grade curricular para pautar estas questões. O preconceito pode ser eliminado no respeito à liberdade individual” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno E, um jovem muito dedicado, descreveu que: “Sim. Pois é um assunto muito importante” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna F, uma moça bastante dedicada, respondeu que: “Sim. Porque aqui na escola se vê muitas pessoas de outras sexualidades, isso ajudaria a acolher mais eles” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outra aluna G, uma jovem, pontuou dizendo que: “Sim. Porque sempre devemos estar com a mente mais aberta” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Outro aluno H, um rapaz, mencionou que: “Sim. Para orientar as que não sabem a respeito do assunto” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

As respostas dos alunos foram satisfatórias. Foi possível perceber que muitos deles conseguem entender que o preconceito existe e precisa ser combatido e que a escola é uma aliada muito importante nesta luta, pois é com ela que as práticas de valores, as práticas de igualdade entre pessoas de sexos diferentes, as práticas de igualdade de gênero, podem ser manifestadas de modo educativo, atendendo as regras de respeito e tolerância.

Contudo, a sétima e última questão vem para confrontar o aluno e interroga-lo, como mostra **“Você já praticou algum tipo de preconceito e discriminação de gênero e sexualidade com algum aluno, funcionário, professor ou até mesmo com os gestores da escola?”**. E como resposta, quase todos os alunos responderam que nunca praticaram algum tipo de preconceito com nenhum professor ou funcionário da escola. Todavia, tivemos alunos (a) que responderam que:

Aluno A, um rapaz, descreveu que: “Só entre amigos mesmo, mas cada um sabe que é brincadeira” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

Mais uma vez, destacamos o uso e a prática da homofobia recreativa, que é vivenciada e praticada todos os dias dentro da nossa sociedade.

Outra aluna B, uma jovem, respondeu que: “Sim, muitas vezes” (Material coletado pelo pesquisador, 2023).

O debate sobre gênero e sexualidade é sério e muito importante. Esse debate de maneira alguma pode ser conduzido como um ato de brincadeira (Homofobia recreativa), pelo

contrário, o mesmo deve estar sempre em curso para que manifestações de ódio possam ser interrompidas dentro da sociedade.

Diante das respostas obtidas com o questionário aplicado, foi possível perceber, que os alunos conhecem esse debate e sabem das consequências que as desinformações relacionadas ao tema podem causar.

Falar sobre gênero e sexualidade dentro do espaço escolar é um desafio, tendo em vista que, neste mesmo ambiente encontram-se pessoas com perfis conservadores, preconceituosos e com doutrinas religiosas que muitas vezes ignoram e não exercem com maestria o papel de acolher todes, todas e todos que fazem parte dela.

Observamos ainda, a partir das respostas dos alunos, que temas como Gênero e Sexualidade são discutidos dentro da sala de aula, todavia, esse debate em sua grande maioria só acontece mediante manifestações de preconceito ou homofobia – mesmo esse tema fazendo parte de Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), de ementas disciplinares – como a disciplina de Sociologia. Além do mais, podemos destacar ainda, que a reforma do ensino médio de 2022 e a BNCC retiraram essas temáticas do currículo da educação básica.

É válido ressaltar que a promoção da igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres, está entre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas<sup>25</sup>, que propõe a erradicação da desigualdade de gênero na educação, tanto nos níveis primários e secundários, como em todo o sistema educacional até o ensino superior (ONU, 2020).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como finalidade alcançar os seguintes objetivos: compreender como as temáticas de Gênero e Sexualidade estão sendo trabalhadas na escola pública estadual Centro de Ensino Deborah Correia Lima, localizada na cidade de São Bernardo/MA, e analisar através do diálogo com os estudantes, se tais discussões estão sendo realizadas dentro do ambiente escolar.

Nesse sentido, a partir das propostas aqui elencadas para a construção desse trabalho, foi possível perceber vários aspectos importantes, como por exemplo, o papel dos professores e suas contribuições em sala de aula para o enriquecimento acerca das temáticas.

---

<sup>25</sup> Ver tais objetivos no site da Organização das Nações Unidas – ONU. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-mil%C3%AAnio>. Acesso em: 04 de dez. de 2023.

Vimos também através da análise das respostas dadas pelos alunos, que o ensino relacionado às questões de gênero e sexualidade dentro da escola ainda se apresenta com bastante dificuldade, e isso se é atrelado a uma série de motivos, dentre eles a falta de conhecimento acerca das temáticas e a falta de conhecimento sobre a legislação educacional brasileira, cuja mesma afirma que a educação básica do ensino médio deve ser calcada na orientação das temáticas de gênero a fim de despertar no indivíduo a capacidade de entender e aceitar a identidade de cada aluno (Genero e Educação, 2015, on-line).

Citamos também como uma forma de intensificar o que fora descrito no parágrafo acima, as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (2012), que enfatiza a importância de inserção dessas temáticas no projeto político pedagógico das unidades escolares. A mesma cita em seu Art. 16 que:

O projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: (...) XV – valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas.

É válido pontuar que através das respostas obtidas ao longo da pesquisa, os alunos demonstraram considerar que as temáticas de Gênero e Sexualidade são cruciais para o desenvolvimento das relações de igualdade e respeito para com todos os indivíduos.

Observa-se que falar sobre essas categorias dentro da sala de aula é de suma importância, pois as mesmas fazem parte da construção do respeito às diferenças. Intervir e discutir sobre esses conceitos é estar em um percurso contínuo que visa a desnaturalização das desigualdades entre homens e mulheres, travestis, homossexuais, transgêneros, não binárias, “queer”, ampliando a compreensão sobre as dimensões humanas de prazer, afeto e sexualidade. É contribuir ainda, para o desenvolvimento de uma cultura sem marcas de preconceito, sem violência e contra o ódio.

Considerando que o Brasil é um país que mais mata LGBTQIAPN+ no mundo<sup>26</sup>, e também, é um país que diariamente mata 4 mulheres por dia, sendo que sua grande maioria é acometida de feminicídio por seus próprios “companheiros”<sup>27</sup>, é importante que políticas educacionais sejam implementadas dentro do ambiente escolar. Para tanto, é necessário que

---

<sup>26</sup> CLP aprova Seminário sobre o tema. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/comissoes/comissoespermanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema> . Acesso em: 28 jan. 2024.

todos os profissionais de educação possam ter os devidos conhecimentos para abordar as temáticas elencados neste trabalho.

Com isso, buscou-se ao longo da construção desse trabalho, apresentar a preocupação e a urgência em implementar assuntos relacionados a questão de Gênero e Sexualidade dentro do espaço escolar, bem como a necessidade de esclarecer o que esses termos representam na sociedade, e como devemos atuar como cidadãos praticantes do respeito às identidades sexuais e de gênero.

---

<sup>27</sup> Conforme matéria da BBC, 4 mulheres são mortas por dia no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqqg2ezpk3po>. Acesso em: 28 jan. 2024.

## REFERÊNCIAS:

ABREU, Rachel Luiza Pulcino de; SANTOS, Raquel Alexandre Pinho dos. **GÊNERO E SEXUALIDADE NOS PCNs: uma análise dos objetivos gerais.** *Caderno Espaço Feminino* - Uberlândia-MG - v. 28, n. 1 – Jan/jun. 2015.

AMARAL, Leandro Ribeiro do. Historicidade e aspectos centrais da política federal do patrimônio cultural imaterial: uma interpretação. *Revista CPC*. São Paulo, 2015.

BRASIL, Ana Paula. **Gênero e sexualidade na escola: da educação legal à educação real.** 2017. 108 f. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Vitória, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual.** Brasília: MEC-SEF, 1998a.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/** Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance.** Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Gênero e diversidade sexual. **EFPB**, 2009. Disponível em: [www.ufpb.br/contents/noticias/didaticos/glossarioEscolasPlurais1](http://www.ufpb.br/contents/noticias/didaticos/glossarioEscolasPlurais1). Acesso: 03 de fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. A implementação perversa. In: FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade I: a vontade de saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Cap. 2. p. 37-50. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual da criança e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias.** 2009. 260 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** Claridade, 2018.

CITELI, Maria Tereza. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.1, p.131-145, 2001.

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone. Judith butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. *Anais V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*. Campina Grande: Realize Editora, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 eds, 3ª reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MACHADO, Simone. Femicídio: 4 mulheres são mortas por dia no Brasil, por que isso ainda acontece com tanta frequência? **BBC**, 2023. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqqg2ezpk3po>. Acesso em: 28 jan. 2024.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processo**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. - 3.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

PADILHA, Vitória Braga; PALMA, Yáskara Arrial. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, 2017.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.